

Com propostas ou alternativas estruturais que traduzem racionalmente tipologias e formas de morar populares, os arquitetos Humberto Magalhães Carneiro, Heloisa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e Willian Sidney vencem a 5ª edição do Prêmio Brasilit de Arquitetura, cujo tema foi "Crise habitacional — Utopia e Realidade". Neste depoimento à AU, eles desenvolvem os conceitos básicos do projeto, onde o espaço privado está sempre conectado ao coletivo: a cidade, o social e a cultura.

PRÊMIO BRASILIT

Pensar a utopia, habitar a utopia? "Habitar a utopia seria pensá-la plenamente. Pensar a utopia seria habitá-la plenamente, aqui e no presente." Adequada ao tema do concurso — habitação, utopia e realidade —, essa frase orientou toda a discussão dos arquitetos mineiros em torno das diretrizes determinantes do projeto.

Um projeto cuja intenção é traduzir, fundamentalmente, *desígnios*, formas ou tipologias de morar praticadas pelas populações que vivem nas periferias urbanas. O morar em seu sentido mais pleno que "não se restringe à casa, mas o habitar que se articula com o comércio, os serviços, os espaços de convívio" — a casa em sua dimensão urbana. A casa (espaço privado) em relação à rua (espaço público). O imaginário.

O próprio memorial deixa bem clara essa intenção projetual, quando assinala que "o enfoque central do projeto prioriza uma postura contextualista, enfatizando e valorizando as vinculações e a pertinência ao meio urbano e a um local determinado". Dessa forma, entende-se o assentamento "como um pedaço da cidade, como um bairro que a ela se incor-

"NOVAS TIPOLOGIAS"

CONJUGANDO A CASA POPULAR

pora, como uma parte que reflete o todo — uma parte que contém parâmetros e propriedades que a identificam com um contexto maior".

Ao propor a ocupação de vazios urbanos numa periferia, a equipe se preocupou em "captar a linguagem da vizinhança, do que acontece nas proximidades, criando uma ligação entre o existente e o novo", representado por um "novo desenho" calcado nas tipologias populares. Como profissionais da Arquitetura, eles procuram racionalizar o que é espontâneo, estimular uma "convivência aberta e democrática", e também propor uma estética — elementos que vão reger a proposta, onde a expressão individual está sempre atrelada à expressão coletiva.

A soma de experiências

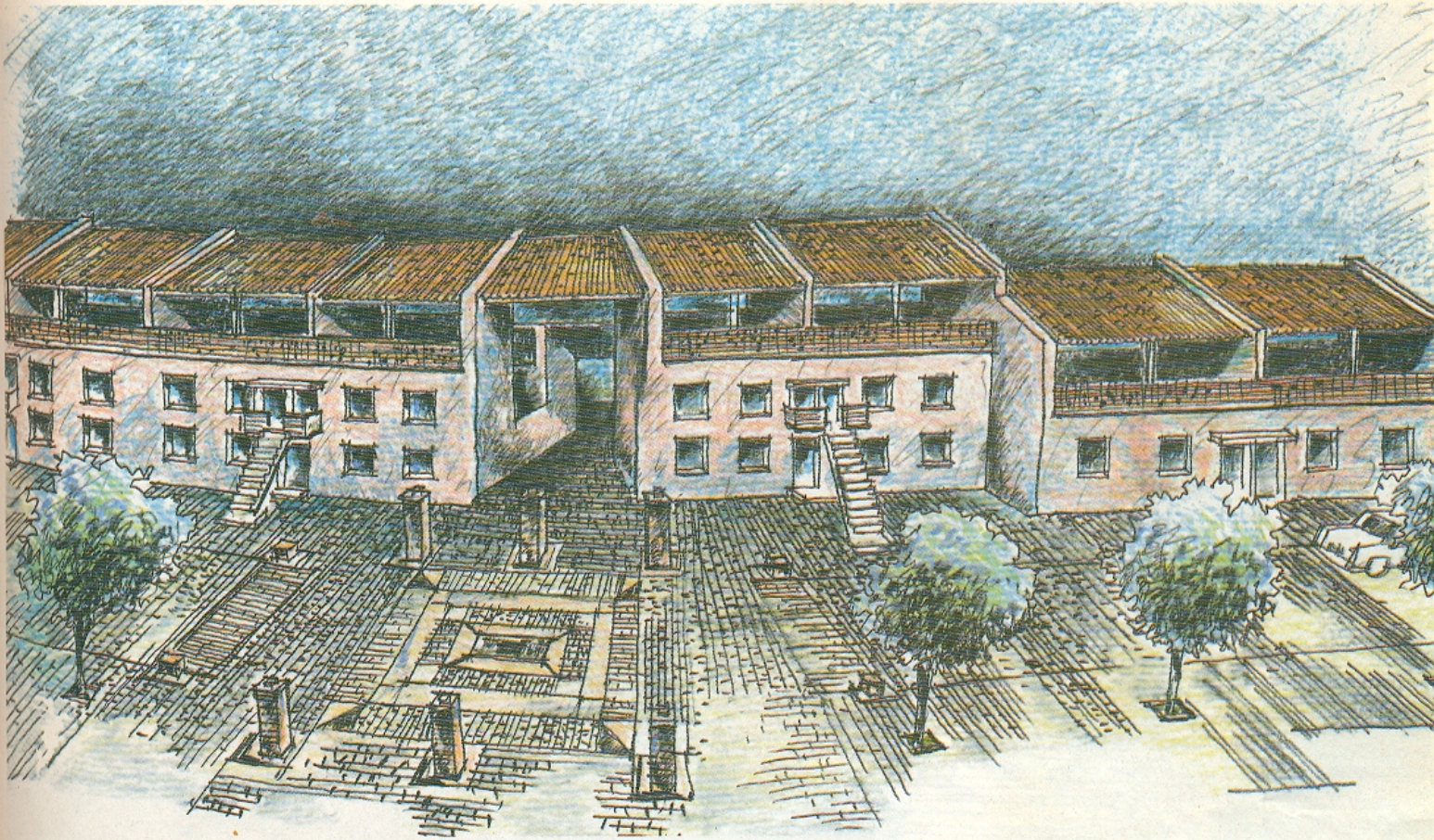
"Aprender com o próprio trabalho." O comentário resume a fase operacional do projeto. Na verdade, como dizem, "foram muitos anos", pois "esse trabalho significou a soma ou confronto de várias experiências anteriores". Ou seja, foi um longo aprendizado até que se decidiu formar uma equipe para participar do concurso.

Humberto Magalhães, por exemplo, havia coordenado um vasto programa de habitação popular para a prefeitura do Recife. Heloisa participara de experiências na área

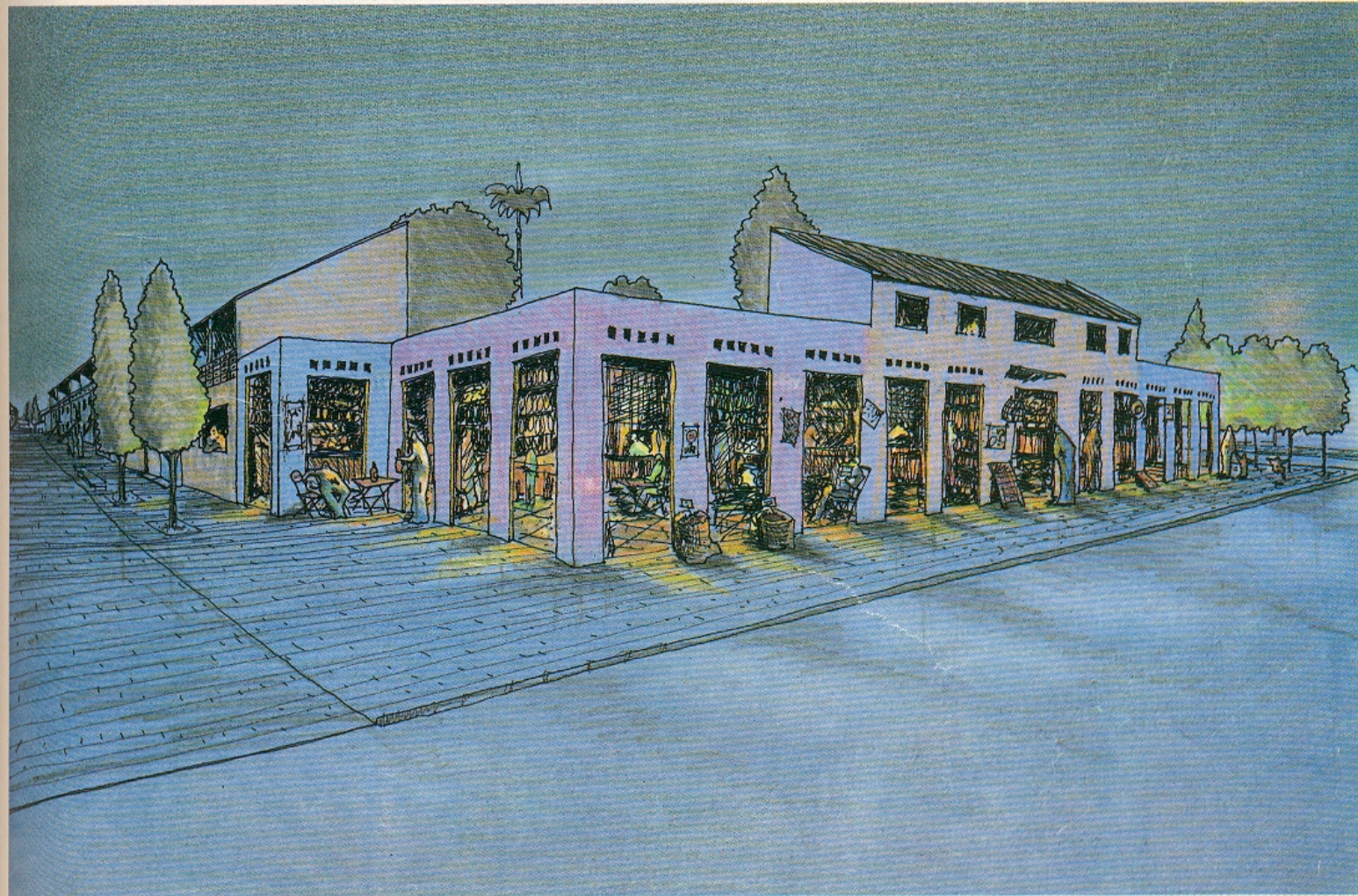
de autoconstrução e de trabalhos com comunidades em Belo Horizonte. Marília por sua vez, trabalhou com urbanização de favelas e associações de moradores em Divinópolis, como arquiteta da prefeitura e Willian, além de uma pesquisa sobre Nova Ponte, cidade que deve ser inundada. Marília participou também do programa Minas-Casa. "Aqui — comenta ele — acontece o oposto do que fizemos; lá existia uma única tipologia para qualquer tipo de terreno. O concurso, enfim, permitiu a esses arquitetos repensar suas experiências, além de retomar a discussão de um tema que, desde a extinção do BNH, estava quase descartado.

A sintaxe do projeto

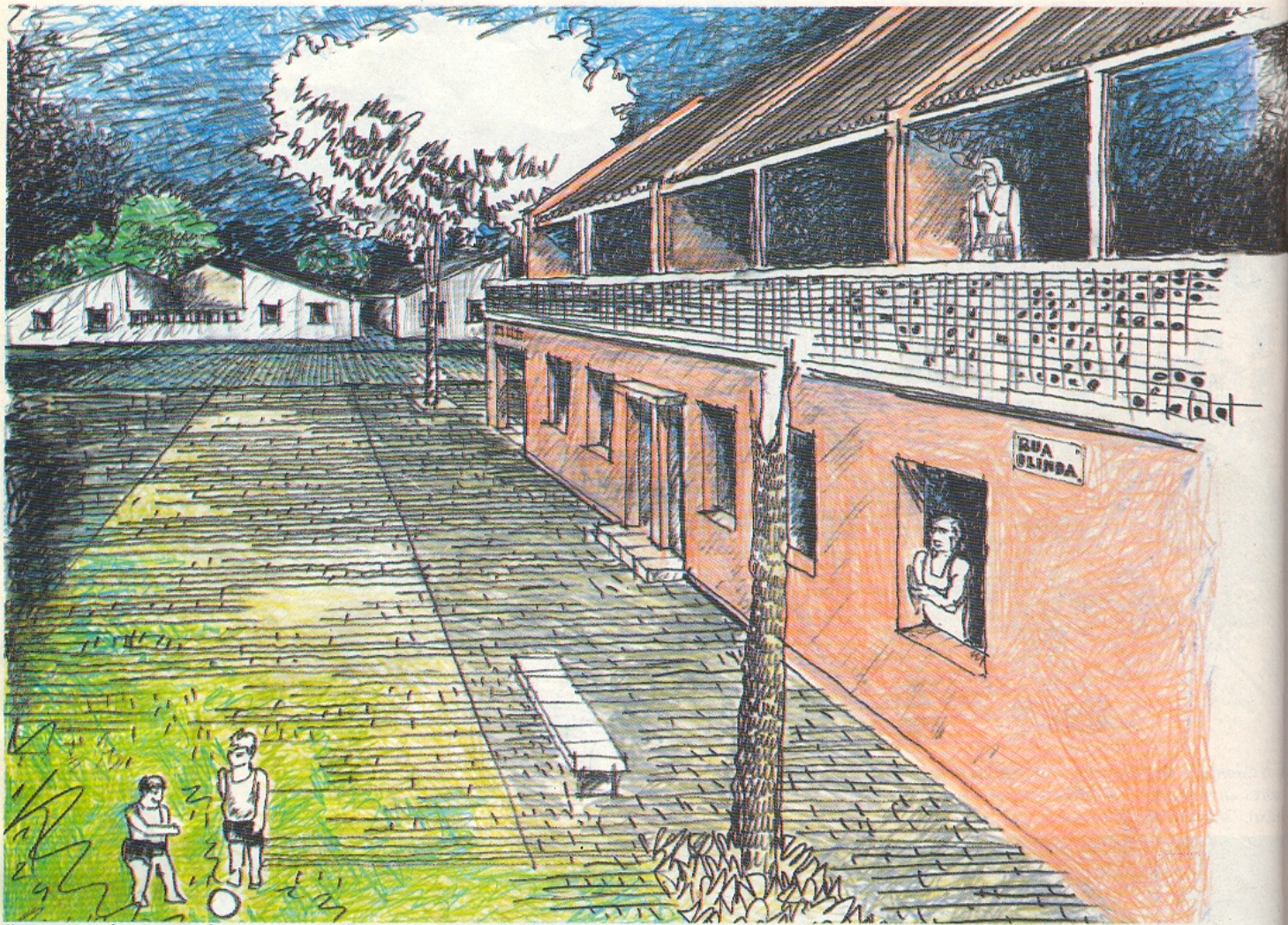
Antes de tudo — esclarecem os participantes — "procuramos estabelecer uma sintaxe entre tipologia habitacional e tipologia urbana. O centro do trabalho é basicamente esse. Escolhemos, portanto, uma área, um vazio urbano e tentamos trabalhar dentro dessa área. Como havia uma diretriz no sentido de se trabalhar com tipologias habitacionais, fizemos inicialmente uma leitura dos tipos, das maneiras do povo morar junto à periferia de Justinópolis, na região metropolitana de Belo Horizonte. Esse levantamento serviu de *background* de todo nosso trabalho".



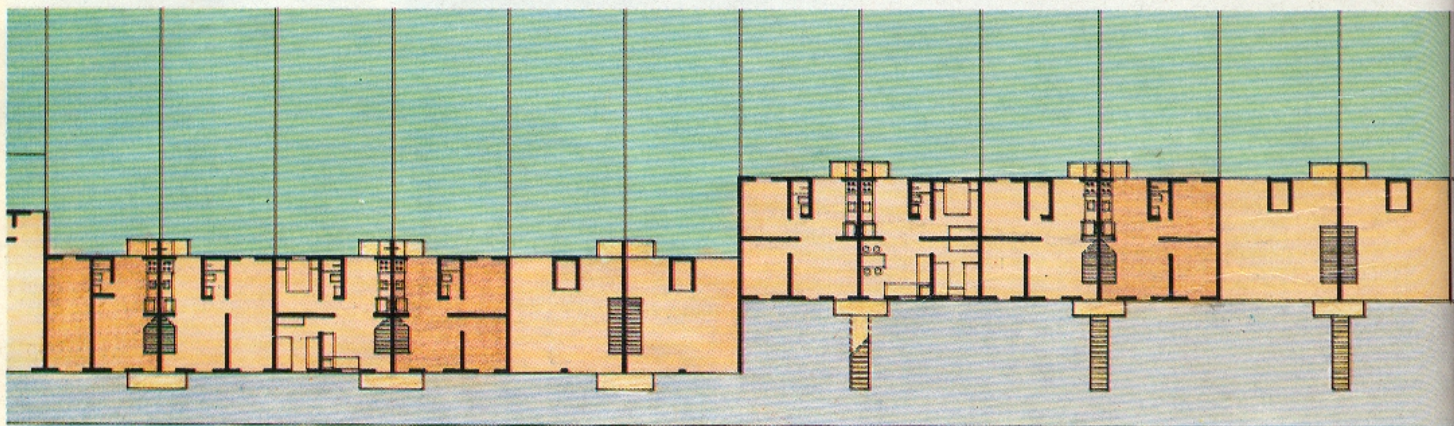
Aqui, exemplos de propostas elaboradas pelos autores: acima tipo "varanda paulista" e, abaixo, "sobradinho com comércio"...



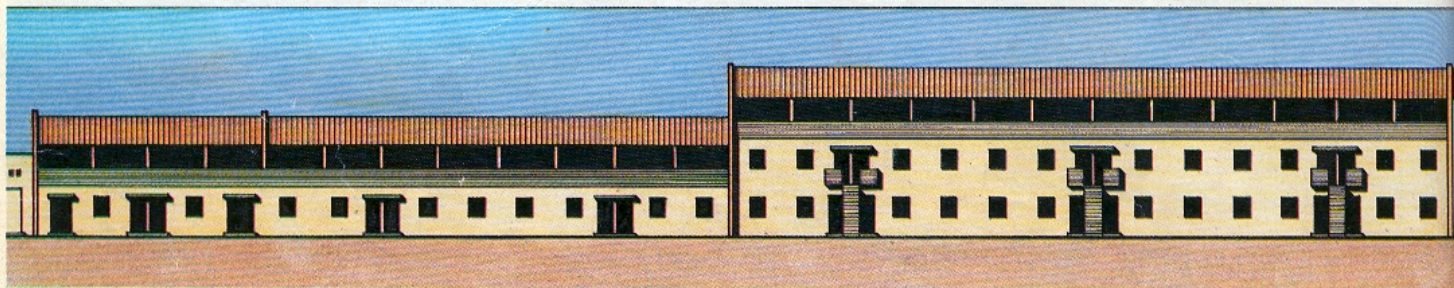
Varanda Paulista



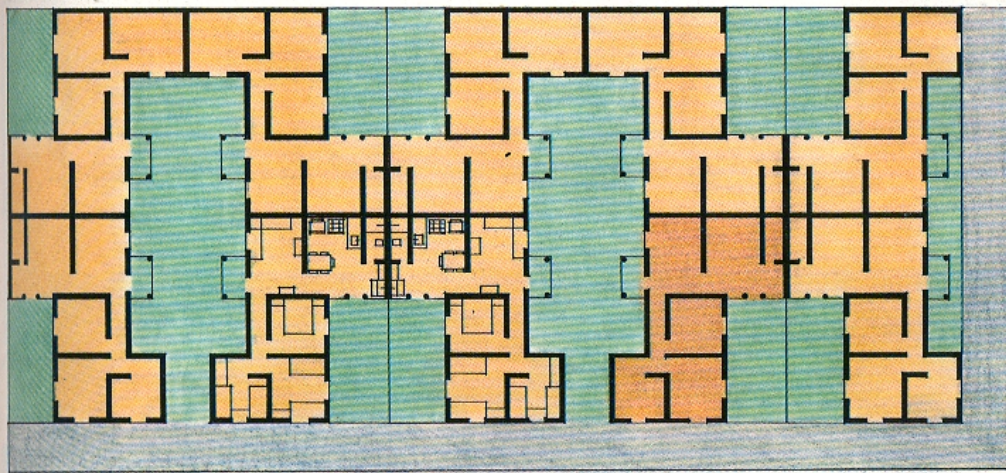
Perspectiva de uma implantação mista: "varanda paulista" à frente e, ao fundo, "vila"...



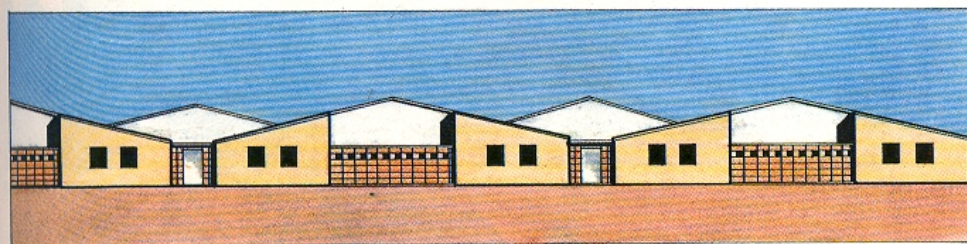
Planta
 ▶ Térreo 1 ◆ Térreo 2 ◆ 1º pavimento ◆ 2º pavimento ◆ 1º pavimento ◆ 2º pavimento ◆



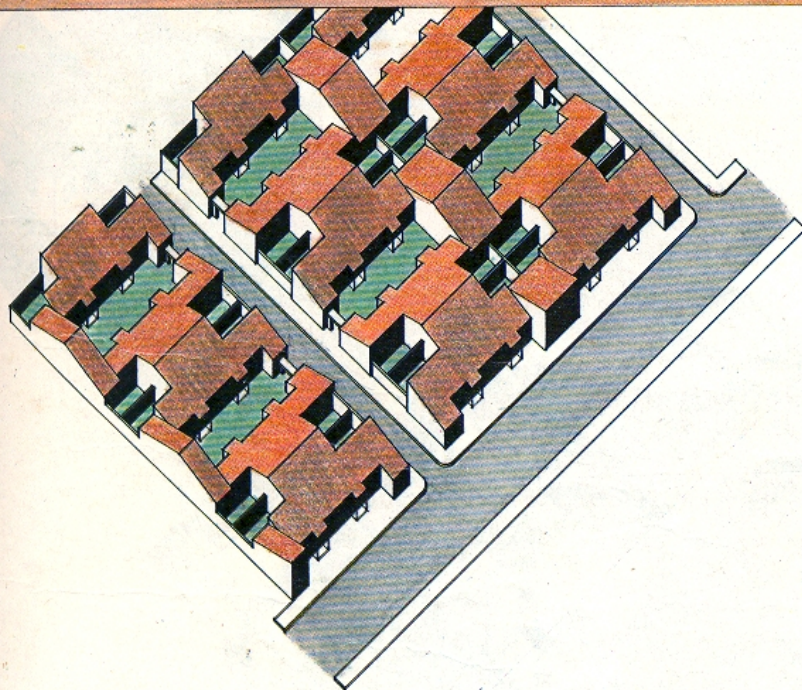
Vista



Planta



Vista



Heloisa já havia feito, através da Escola de Arquitetura, um levantamento completo sobre a parte funcional, a organização dos espaços, o aproveitamento dos lotes. Coube, assim, à equipe, complementar esse trabalho, fazendo um levantamento fotográfico, de imagens, dos tipos que encontrou, da maneira como a população misturava, por exemplo, comércio com habitação. “Isso nos interessava de perto — resalta Humberto — porque havia, dentro de nossa proposta, a intenção de *miscigenar*, de fazer um partido habitacional mais livre, dinâmico, interligando o espaço público e privado.”

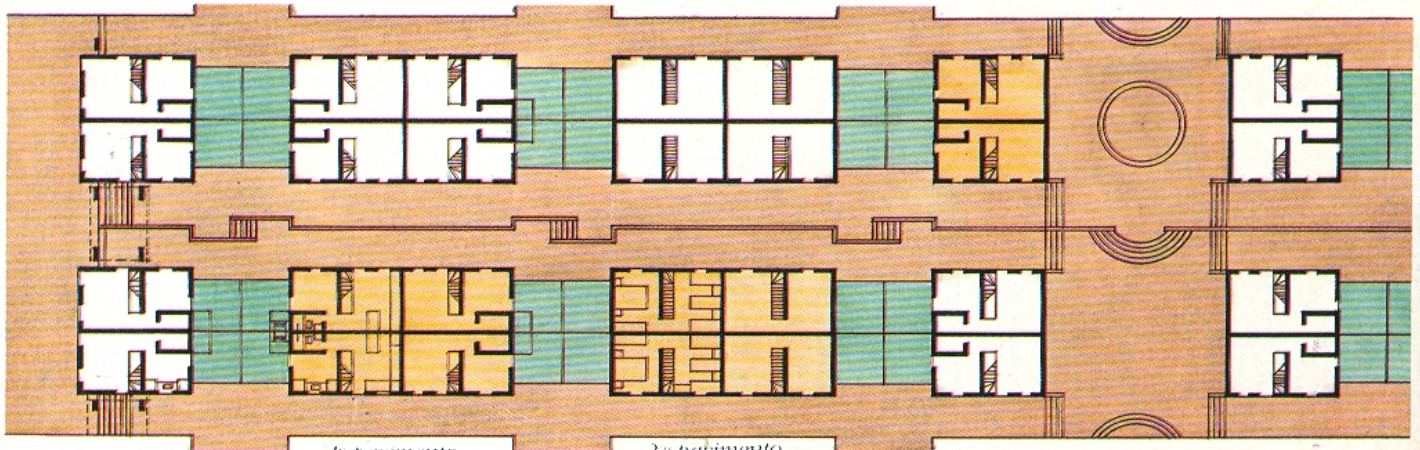
Alternativas estruturais

A partir desse levantamento são identificados cinco tipos ou alternativas de morar praticados pela população. “As tipologias adotadas, portanto, se baseiam não em simples critérios de classificação mas na análise de uma situação concreta, no repertório de tipos levantados na localidade.” Seguindo o “memorial” completado pelo depoimento à AU, podemos situar cinco propostas estruturais básicas correspondentes às tipologias pesquisadas. Ou seja:

- *Varanda paulista* — A casa com terraço coberto. Inspirada no modelo popularmente conhecido como “varanda paulista” uma estrutura de unidades habitacionais formando uma única edificação linear voltada para a rua. São dois pavimentos, cuja cobertura forma um elemento contínuo. Como variação, tem-se a opção do apartamento situado no 2º pavimento, cujo acesso se faz diretamente pela rua, ou a casa mista, conjugando casa em cima e comércio no térreo.

Dentro de critérios econômicos, os lotes são de 6 m de largura x 25 m de comprimento. As casas, com “paredes-meia”, podem ser construídas por etapas, primeiro embaixo, depois ampliadas em cima de acordo com as necessidades e possibilidades do morador. Como elemento definidor da forma urbana, quadras polivalentes funcionam como espaço de convivência e comunicação com a rua.

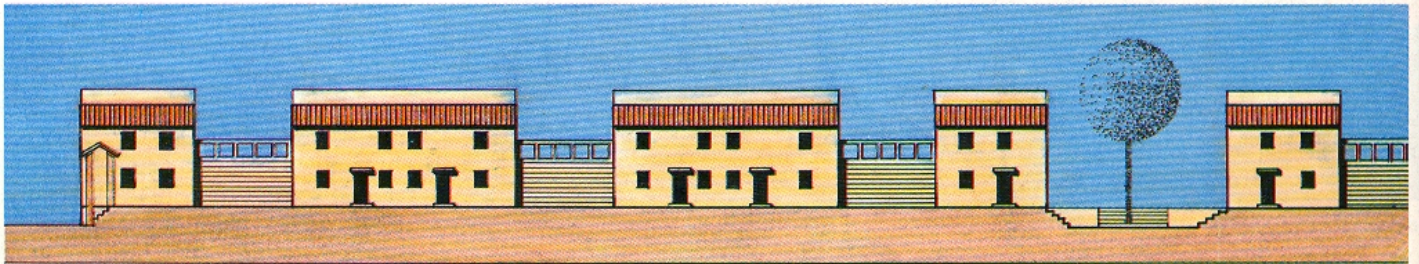
- *Vila* — Várias unidades agrupadas no mesmo lote, muito comum nas periferias. Ou seja, um pátio com barracões distribuídos em volta. Racionalizando, a equipe propõe um arranjo de quatro unidades conjugadas em torno de um pátio central. Cada casa com sua varanda que funciona como elemento de transição e de personalização e, na parte posterior, um pequeno quintal (área externa privada). A composição configura um tecido dinâmico, alternando espaços comuns e



Planta

1.º pavimento

2.º pavimento

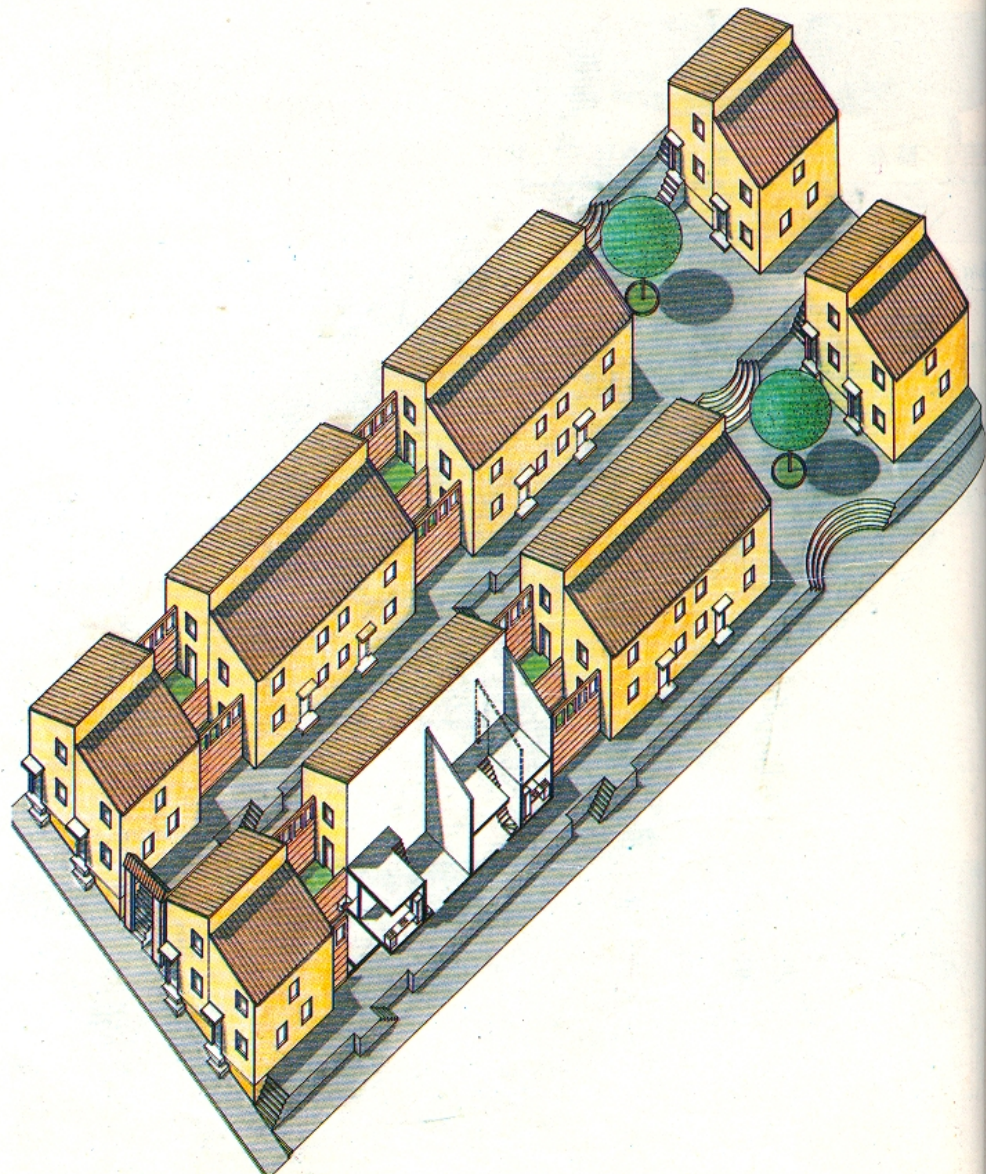


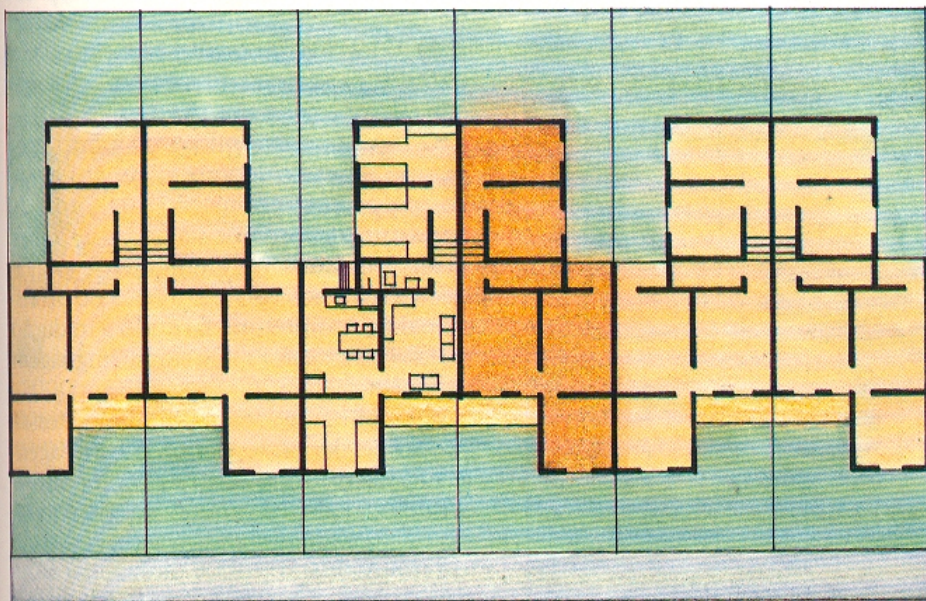
Vista

privados, o que resulta num desenho que possibilita a otimização da ocupação e melhor aproveitamento das condições ambientais.

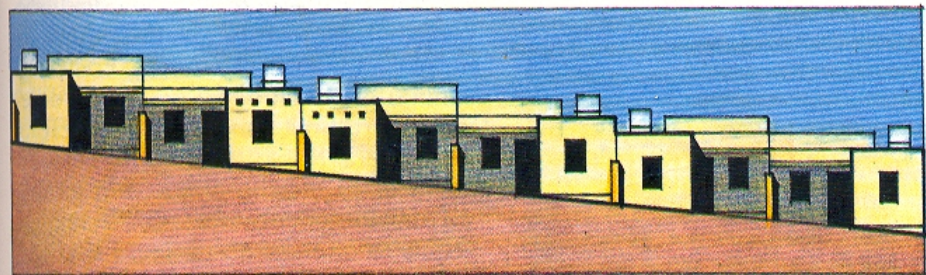
● *Bom será* — São casas duplex estruturadas no modelo “correr de quartos” ou “bom será”, uma espécie de pequenos cortiços também muito comuns na periferia. Basicamente, é um arranjo em linha de “cômodos” ou uma fileira de habitações estruturada ao longo de uma das laterais do lote. A equipe aproveitou o esquema básico estrutural, mas otimizado em termos de economia e ocupação, através de uma tipologia de quatro moradias duplex geminadas em cruz. Aqui, o desenho urbano é configurado a partir de “alas” que se sucedem acompanhando a topografia do terreno, o que permite melhor aproveitamento para terrenos em declive.

● *Caixotinho* — Casa térrea, recuada, um tipo pesquisado também na localidade, conforme mostra a equipe, compondo uma única edificação no lote, com quintal nos fundos e cobertura em laje plana. O “tipo caixotinho” deu origem à proposta de uma estrutura de casas térreas com áreas de transição para a rua, com uma organização urbana mais próxima da tradicional, ou seja, quadra/lote — jardim/casa/quintal.

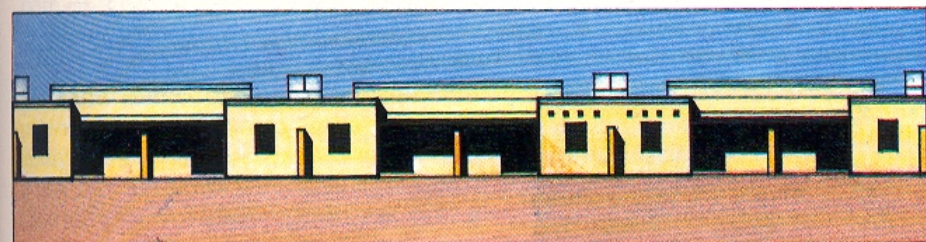




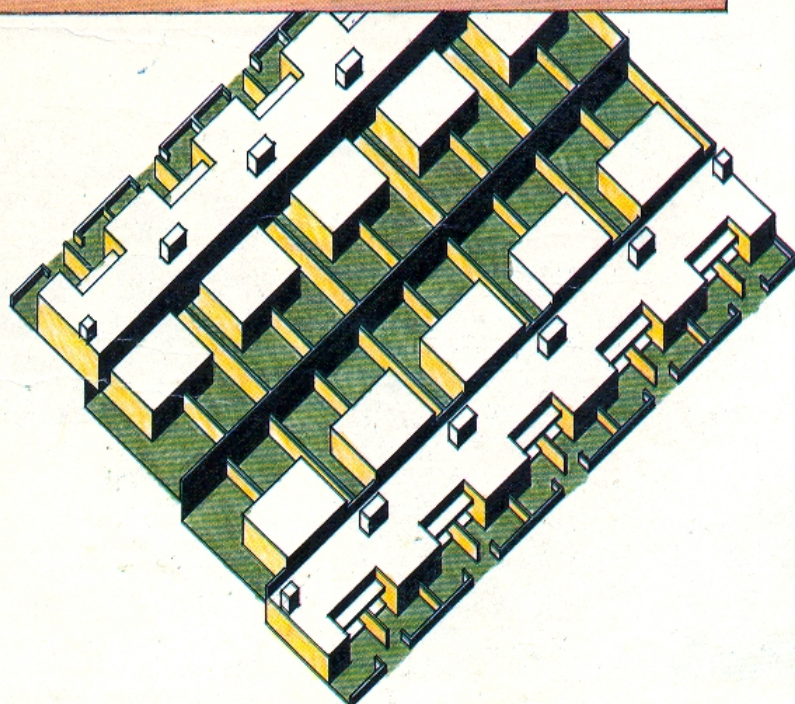
Planta



Vista



Vista



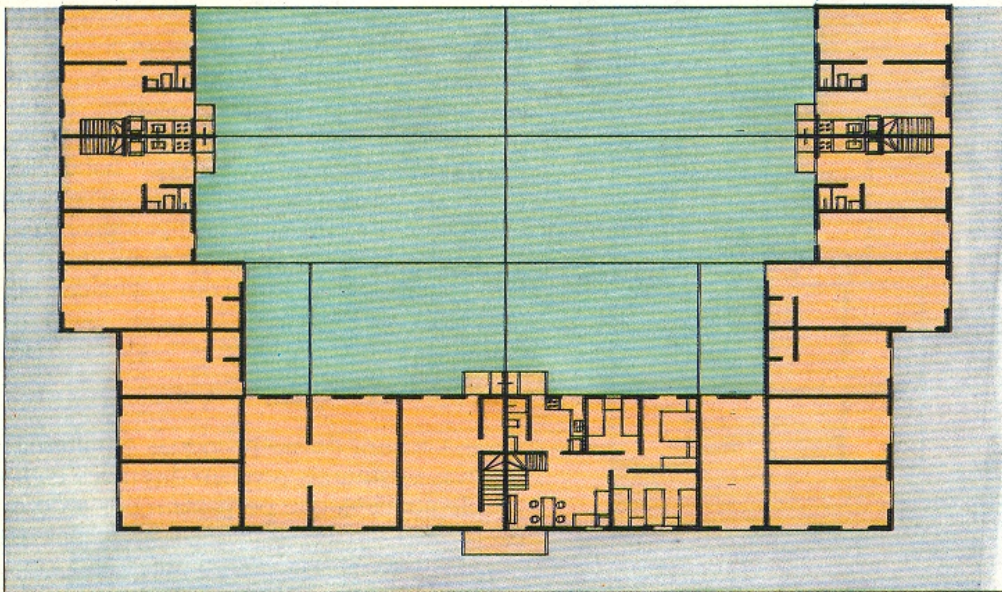
• *Sobradinho* — O sobradinho com lojas de esquina, segundo explicam os arquitetos, representa um desdobramento da tipologia “varanda paulista” ou da “casa com terraço coberto”, através da modalidade loja no térreo e habitação no pavimento superior. Juntamente com as lojas de esquina, essa tipologia estrutural possibilita resolver as esquinas e “pontas” de quadra com atividades de comércio e serviços.

Objeto conjugado

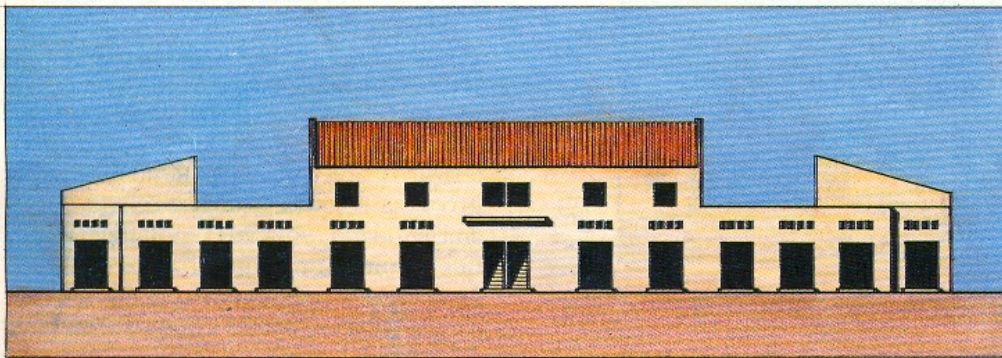
A leitura dessas propostas ou alternativas estruturais revelam diretrizes complementares que perpassam por todo o projeto. Assim, “ao contrário de outros trabalhos apresentados em que a casa mantém aquela imagem romântica da ‘casa burguesa, com jardimzinho’, em nossa proposta a casa nunca é tratada isoladamente, sempre é um *objeto conjugado*”. Mesmo nos casos em que se partiu de tipologias mais isoladas, procurou-se sempre a soma. “Percebemos que, geralmente, nos projetos de habitação popular tradicionais por mais que se tente caracterizar o objeto isolado dentro de uma proposta coletiva, acaba-se criando uma ambigüidade, uma falsa individualidade, que resulta num simulacro. Por isso, preferimos um tratamento que fosse realmente uma habitação coletiva e dentro do coletivo, valorizando também a identidade, a personalização. As propostas arquitetônicas, numa didática profissional, oferecem várias alternativas ao morador; dificilmente ele vai fugir de certas conformações em relação ao desenho coletivo, áreas de iluminação e ventilação, mas mantém a liberdade quanto à distribuição dos espaços interiores.”

A cozinha aparece como um elemento fundamental. “A relação da cozinha com a sala apresenta uma articulação muito forte, podendo estar conjugadas e, em alguns casos, separadas por um balcão. A cozinha, na verdade, é o ponto de convívio da família. O quintal também é a extensão da casa, o lugar dos serviços e, às vezes, do lazer. A janela, por sua vez, é o elemento de comunicação direta com a rua. “As quadras também. Elas são tratadas como unidades urbanas básicas. “A quadra tradicional, em geral, se coloca na paisagem para fora. Aqui, ela adquire referências dialéticas — funciona para dentro e para fora, para a rua e para o espaço interior, como cenário da configuração dos corredores circundantes.”

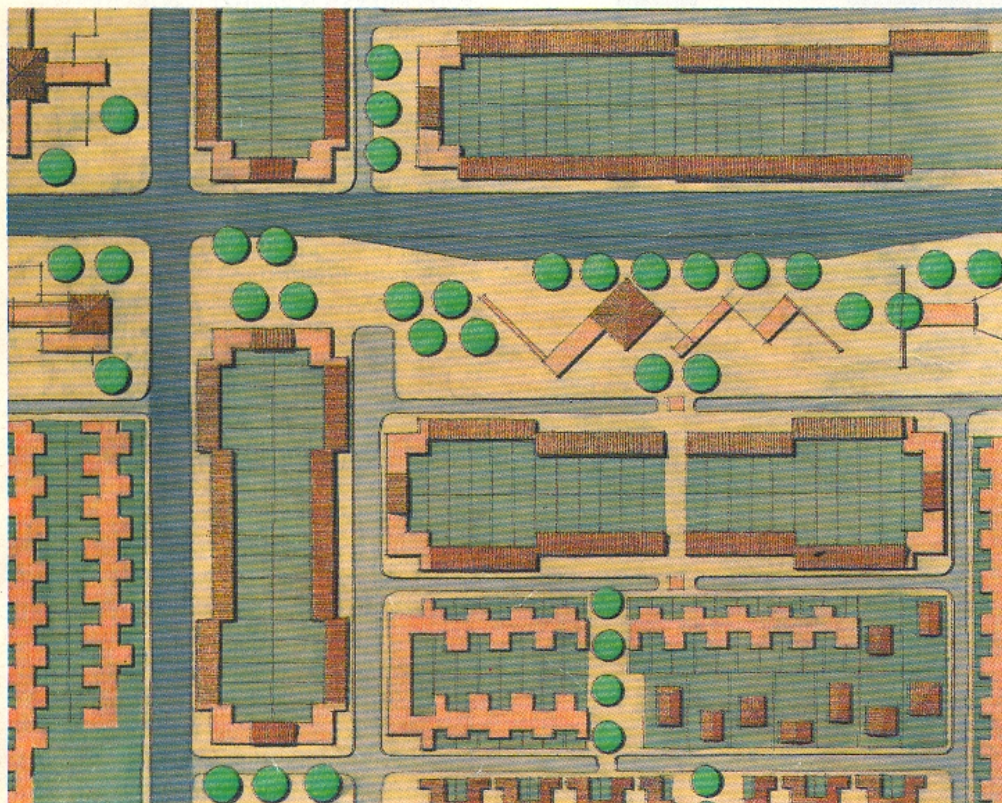
Quanto aos materiais, “usamos sempre material ou tecnologia convencionais, tijolo furado, amianto na cobertura ou a telha de barro. As populações da periferia



Planta



Vista



Implantação

usam muito a laje plana impermeabilizada, o tal do 'caixotinho', sobem quatro paredes e, como se diz, batem a laje e, acima, à espera de um dia ampliar”.

O assentamento-piloto proposto pela equipe reflete o “comportamento estético” da própria população, sua forma de construir, de ornamentar a casa. “Quando dizemos, pegamos os elementos espontâneos e tratamos isso sob a ótica do profissional da Arquitetura, fazendo a tradução do objeto arquitetônico numa linguagem urbanística.”

A viabilidade de implantação dessas propostas depende, enfim, de um “agente promotor”, que seria a própria prefeitura da cidade, uma fundação ou cooperativa e até algum sindicato de classe.

Sentido da utopia

Ao final do depoimento, os arquitetos retomam a frase geradora da discussão projetual, para se deter na questão da utopia. “A utopia, no fundo, contém o sentido projetual de se buscar no desenho futuro uma condição de realização hoje, agora. Nosso trabalho foi pensado assim e, ao mesmo tempo, em termos de trabalho de arquiteto. O trabalho do arquiteto que usa no desenho algo que ainda é ficção, que está lá na frente, é o projeto que transforma essa possibilidade de em objeto social, de cultura.” ■

JOSÉ WOLFF



Equipe técnica

Arquitetos: Humberto Magalhães Carneiro, Heloísa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e Willian Sidney
Colaboradores: Cláudio Parreiras Reis e Sérgio Augusto Santos Vasconcelos